

Novas Organizações Familiares
Entrevista de Adriana Friedmann – Jornal Exclusivo RS
2012

1- As mudanças na organização das famílias teve início com o movimento feminista? As mulheres passaram a trabalhar fora de casa, modificando o comportamento das famílias? Explique.

Sim, o fato das mulheres entrarem no mercado de trabalho e reivindicarem direitos iguais aos dos homens, passaram de ser mães em tempo integral para também contribuírem com o sustento familiar e, alguns anos depois, almejam a realização profissional à par dos homens, foi um dos fatores essenciais nas mudanças ocorridas nos seios das famílias. Este fato 'desequilíbrio' e transformou valores previamente estipulados nas culturas ocidentais, criando certa 'confusão' nos papéis. As mulheres, com acúmulo de tarefas, dentro e fora de casa, se colocaram em um papel de reivindicação de direitos. Com o passar do tempo e a afirmação das mulheres, muitas vezes assumindo até o sustento financeiro familiar, a postura delas passou a ser menos feminina e mais feminista, criando situações domésticas de 'luta de poder'. Os homens sentiram-se algo acudados e começaram também a perder os próprios referenciais com relação ao seu tradicional papel de provedores. Foram - e continuam sendo - momentos de crises. Mas temos vivido, na última década, um retorno da mulher para o seu feminino e o direito sim de estar no mercado de trabalho e contribuir com o sustento familiar, voltando a reivindicar a participação do homem como provedor, voltando a respeitar seus ritmos orgânicos e naturais e empreendendo um caminho de não competição ou de luta de poder com o companheiro; pois onde há luta de poder não há amor. E as mulheres querem de volta o companheiro e o equilíbrio. Famílias monoparentais em que a figura masculina é ausente - situação cada vez mais comum -, mostram a mulher assumindo com muita coragem, tanto o sustento dos filhos, quanto seu lado feminino e o direito de vivê-lo. Também famílias em que é o pai que assume a educação ou convivência integral ou à par da mãe, têm sido muito comuns.

2- Que tipos de mudanças no comportamento das crianças podem ser observadas em virtude dessas novas organizações familiares?
As crianças que crescem em famílias em que a figura masculina está ausente, por exemplo, ao mesmo tempo em que criam laços de grande dependência da mãe, tornam-se mais independentes prematuramente.

Famílias de pais separados em que as crianças convivem em dois lares, muitas vezes com um novo companheiro da mãe, ou nova companheira do pai, e ainda, filhos de casamentos anteriores e/ou filhos do novo casal, contrariamente ao que se acreditava, têm um leque de possibilidades de vivências e convivência que vem enriquecer muito seus repertórios psíquicos. Claro que existem faltas e feridas difíceis de serem superadas. Muitas crianças mostram-se agressivas, revoltadas. Outras não aceitam os novos parceiros. Outras ficam inseguras, encabuladas. Outras convivem e aproveitam estas novas situações e vínculos.

3- As crianças podem ser prejudicadas, de alguma forma, por isso?
Explique.

Podem, mas não é a regra. O tratamento e a atenção (ou a falta dela) dado às crianças, tanto pelos próprios pais quanto pelos novos parceiros ou filhos destes, é o que fará toda a diferença. A criança fica prejudicada, sobretudo, quando da ausência ou da ignorância dos pais. Porque é fato que grande parte dos pais que saem de casa, acabam abandonando não só o companheiro como também os filhos. Misturam os dois vínculos. E isto realmente é o que traz muitos prejuízos emocionais para as crianças. Também a ignorância ou a diferença no tratamento na convivência com os novos companheiros dos pais, pode provocar estragos emocionais. Outro problema que pode surgir, sobretudo na criança pequena, é quando ela, ficando em uma casa e em outra, de forma alternada, perde o ritmo, não tem o seu espaço necessariamente, muda suas rotinas. Isto pode prejudicar o andamento do seu dia a dia, seu cotidiano e trazer-lhe angústia e insegurança.

Talvez a situação mais complexa seja quando há brigas entre os pais separados, problemas de reivindicação de mesada por parte de um dos pais, problemas judiciais, pela guarda, convivência, etc. Ou, pior ainda, quando os pais usam a criança como 'pombo correio' e falam um mal do

outro para ela ou na frente dela, o criticam, etc. Estas atitudes repercutem profundamente na psique das crianças.

4- As novas organizações familiares também podem ser benéficas e proveitosas para as crianças? De que forma?

Certamente, muitos. A convivência com mulheres e homens diferentes do modelo parental ou maternal conhecidos, assim como a convivência em casas diferentes e as regras que imperam em cada uma, trazem uma flexibilidade para o caráter destas crianças, muito interessante. Ela pode se revoltar, ter preferências por um ou outro ambiente, ter melhores ou piores relações. Mas o fato é que esta diversidade de experiências traz um imenso repertório para a vida destas crianças. Viagens, passeios, saídas, dinâmicas familiares, regras, limites e costumes, serão certamente diferentes em cada ambiente o que pode ser muito rico para a formação destas crianças.

5- Como ajudar as crianças a lidar com isso?

O diálogo é sempre o melhor caminho. Se a criança está angustiada, insegura, se sente pressionada ou se não consegue ter relações harmoniosas com um ou outro membro da família, a conversa ou a procura por ajuda profissional é recomendável.